

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

PROPRIEDADE DA SOC. NACIONAL DE TIPOGRAFIA

1975
31 de Janeiro

Director: Manuel Figueira

Redacção, administração e oficinas:
R. de «O Seculo», 41 a 63—LISBOA

NÚMERO 1040
ANO 69.º

TELEFONE 362751 — LISBOA ★ A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR
TIRAGEM E EXPANSÃO

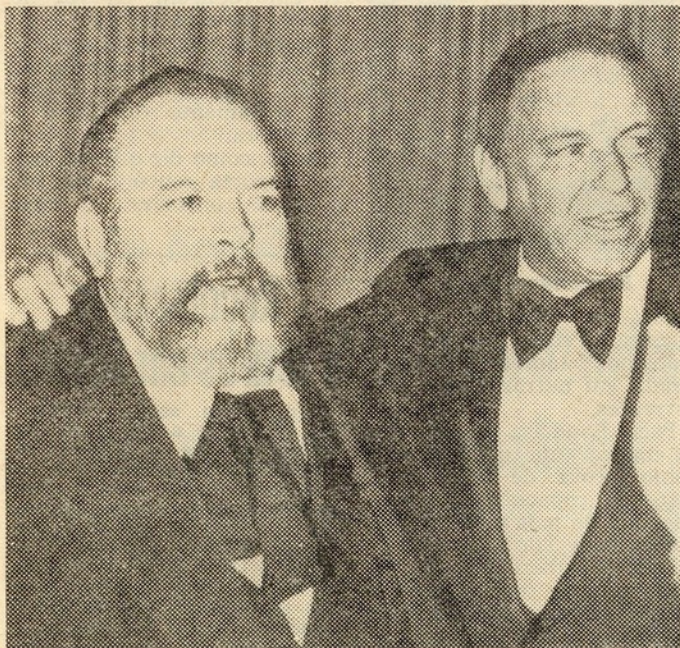
PREÇO AVULSO — 1 ESCUDO

Hollywood «rendeu-se» a Orson Welles

LOS ANGELES 10. — Hollywood prestou, ontem, à noite, homenagem a uma das suas figuras mais controversas, quando o Instituto do Filme Americano conferiu a Orson Welles, de 59 anos, um prémio espe-

cial destinado a consagrar toda a obra cinematográfica do famoso realizador, actor, produtor e argumentista.

Com um braço sobre o ombro do cantor Frank Sinatra,



Telefoto UPI — Telimprensa

Ao lado de Frank Sinatra, Orson Welles recebe a ovação das celebridades de Hollywood

Welles apareceu no palco do Century Plaza Hotel, nesta cidade, para receber a ovação calorosa de mais de 1200 espectadores—celebridades na sua maior parte.

As únicas duas outras personalidades da capital do cinema a receberem um prémio semelhante foram o falecido realizador John Ford e o grande actor James Cagney.

«Recordaderi esta noite como um regresso à pátria muito feliz pois na verdade, tenho andado bastante afastado desta vossa cidade», declarou Welles, que tem passado a maior parte da vida no estrangeiro, desde que o seu filme «Cidadão Kane» provocou acesa controvérsia na capital do cinema.

Realizado quando Orson Welles tinha 24 anos, o filme deixou-o quase sozinho na «lista negra» de Hollywood, ao provocar a ira do homem que retratava o magnata da Imprensa, William Randolph Hearst.

Sondagens à opinião pública efectuadas todas as décadas pela revista «Sight and Sound», uma publicação dedicada à arte cinematográfica, têm escolhido constantemente «Cidadão Kane» como o maior filme de sempre.

«Pertencço à velha tradição americana do indivíduo errante e somos uma raça prestes a desaparecer», acrescentou Welles. «Apenas posso aceitar esta honra em nome de todos os indivíduos errantes». — (R.)

O Festival começa a «aquecer»

Paco Bandeira tenta a sorte com uma «canção progressista»

«Este ano a RTP não teve tempo para fazer concurso e contactou alguns artistas, convidando-os para participarem no Festival da Canção», disse-nos Paco Bandeira, durante os ensaios que ontem se realizaram, no Teatro Maria Matos, das três primeiras canções participantes no Grande Prémio TV-1975.



Jorge Palma

E Paco acrescenta: «O processo, portanto, foi pouco democrático, e, embora eu fosse dos escolhidos, não deixo de o reconhecer... É a terceira vez que me vejo candidato ao Festival da Eurovisão e faço questão de o nosso País ser condignamente representado por uma canção progressista...»

Chama-se «Batalha-Povo» a «canção progressista» que Paco Bandeira vai defender, com letra da sua responsabilidade e do César de Oliveira. Quanto à música, espera-se que não destoe do estilo comum em tais festivais e na linha já tradicional em anos



Fernando Gaspar

transactos. Direcção de orquestra: Pedro Osório, que trabalhou também intensamente em outras obras concorrentes.

Paco Bandeira encara ainda um certame deste género como prova de resistência, teste de capacidades e propaganda do país participante.

Sem falar, claro, do estímulo que a comercialização em disco sempre traz, embora o artista sublinhe não ter preocupações comerciais.

«Antigamente, o festival era feito com a intenção de distrair as pessoas. Este ano é diferente. Queremos canções progressistas.»

E, corroborando a sua opinião, clarifica:

«A promoção pessoal não está em causa, o que está em causa é justificar a presença portuguesa e não deixarmos de ir lá parar. Se este ano, sem censura e sem limitações, as canções não forem melhores, então é porque somos mesmo maus...»

Durante a tarde de ontem, foram afinadas e gravadas mais duas canções: «O Pecaço Capital», com música, letra e orquestração do «veterano» Pedro Osório, interpretada pelos estrepantes (nestas lides), Fernando Girão e Jorge Palma; e, também, a «Madrugada», com música e letra de José Luís Tinoco e orquestração de Pedro Osório, esteve em rodagem, na voz de Duarte Mendes.

Ainda é cedo para avaliar do conjunto e prognosticar sobre qual delas se encontra seriamente candidata a vencedora.

Aliás, como diz o Paco, vencer importa pouco, o que importa é concorrer... e fazer boa figura.

Recolecções e retiros em Fátima

Como vem sendo habitual, vão continuar a realizar-se em Fátima, sempre na primeira segunda-feira de cada mês, as recolecções mensais para o clero, abertas a todos os sacerdotes. São constituídas por uma manhã de reflexão espiritual, com início às 10 e 30, e uma tarde de estudo de problemas pastorais, com encerramento às 17 horas.

Durante o ano, vão também organizar-se quatro turnos de exercícios espirituais, nas datas seguintes: 16 a 20 de Junho; 21 a 25 de Julho; 22 a 26 de Setembro; e 20 a 24 de Outubro.



Foto Lobo Pimentel Jr.

Legalização da União Democrática Popular

Elementos da Comissão Promotora da União Democrática Popular fizeram entrega, ontem, à tarde, no Supremo Tribunal de Justiça, do requerimento, solicitando a legalização daquele partido, documento que continha 6265 assinaturas. Foi o secretário daquele tribunal, dr. Abrantes Mendes, quem recebeu a documentação. Na altura, o dr. João Pulido Valente, José Pisco e Rui de Epinay referiram aos representantes dos órgãos da Informação o boicote feito à U. D. P. por algumas comissões de recenseamento, referindo casos que colidem com o disposto na Lei Eleitoral. Anunciaram inclusivamente que iriam actuar contra os prevaricadores, de acordo com a legislação vigente

Em Novembro do ano passado

Rejeitadas 313 toneladas de peixe e marisco

A actividade dos Serviços Médico-Veterinários de Inspeção Sanitária da Direcção dos Serviços de Abastecimento da Câmara Municipal de Lisboa, exercida durante o mês de Novembro do ano findo, teve o seguinte movimento:

Mercados, feiras e fiscalização sanitária, produtos inspeciona-

dos e aprovados para consumo: carnes e produtos derivados, 720 808 quilos; peixe e marisco, 4 586 952 quilos; ovos, 356 883 quilos; lactícínios, 205 908 quilos; criação e caça, 104 155 peças. Rejeitados impróprios para consumo: carnes e produtos derivados, 54 quilos; peixe e marisco, 313 478 quilos; ovos, 3186 quilos; diversos, 1 quilo, e criação e caça, 3754 peças.

No Matadouro Municipal de Aves foram inspecionados e aprovados para consumo 207 806 frangos, galinhas, patos, perus e coelhos, e rejeitados como impróprios para consumo 9006.

O movimento no Centro Municipal de Inspeção e Classificação de Ovos traduziu-se por: ovos inspecionados e aprovados para consumo público, em fresco, 5 776 404; para a indústria, 485 828. Ovos rejeitados, 63 721.

No Matadouro Frigorífico, foram abatidos e aprovados para consumo: bovinos adultos, 4391, com 1 185 583 quilos; bovinos adolescentes, 240, com 23 900 quilos; suínos, 20, com 2239 quilos; ovinos, 6521, com 85 457 quilos; caprinos, 215, com 2169 quilos; e equídeos, 255, com 46 944 quilos. Reses rejeitadas totalmente: bovinos adultos, 22, com 5234 quilos; e ovinos, 94, com 1228 quilos. Rejeições parciais: 1084 quilos.

Integração no programa da Comissão de Dinamização Cultural das Forças Armadas

Cerca de 10 mil pessoas tiveram a oportunidade de ver «O Canto do Fantoche Lusitano», de Peter Weiss, pela Companhia do Teatro Português de Paris, graças ao programa da Comissão de Dinamização Cultural das Forças Armadas.

A experiência, que ocorreu na região de Castelo Branco, é-nos narrada por Vítor Carvalho, Carlos César e Benjamim Marques, principais animadores daquele agrupamento, fundado em França, em 1962.

«Fizemos uma série de nove espectáculos — diz-nos Vítor Carvalho — com um total aproximado a 10 mil espectadores. Embora o número seja elevado, isso não significa para nós que tivemos muita gente. Põe sim determinadas questões, se nos lembramos que, em Lisboa, certos e bons espectáculos têm, em média, uma frequência de 30 pessoas por sessão enquanto na província há um desejo enorme de ver teatro.»

A estas palavras Carlos César acrescenta:

«Não se compreende que haja cinco ou seis companhias a trabalhar em Lisboa, nessas condições, e não exista praticamente nenhuma a trabalhar na província, cujas populações têm e sentem muito

mais necessidade de teatro. Tivemos a oportunidade de constatar esse facto durante os debates que fizemos a seguir aos nossos espectáculos.»

Os debates tiveram grande utilidade—segundo os elementos do grupo — pois contribuíram para um melhor esclarecimento das pessoas e permitiram até uma clarificação por parte dos elementos militares de alguns problemas que a peça de Peter Weiss põe, no tocante à guerra colonial.

Falando da sua experiência o encenador do Teatro Português de Paris, Benjamim Marques, disse: «Quando viemos de Paris com «O Canto do Fantoche Lusitano», houve muita gente que duvidou da possibilidade das pessoas compreenderem a mensagem

do seu autor. Aceitámos o desafio... e foi a prática que nos veio permitir provar precisamente o contrário.

«Quando aos problemas postos na peça no tocante à religião, também a prática demonstrou que as pessoas compreenderam que se ataca apenas uma parte da Igreja e a sua utilização pelo fascismo contra o povo», esclareceu Carlos César. Falando ainda da sua posição como actor:

«Quando tinha quinze anos, no Conservatório, acreditávamos na arte pela arte. As pessoas diziam uma série de coisas em cena... sem pensar no seu real sentido... hoje estou convencido da função do teatro e verifico que mesmo esse teatro que as pessoas rotulam de arte pela arte tem uma função: servir determinada classe, ou melhor servir a burguesia.

«Compreendo a atitude de certos actores mas acho que, o que é necessário em Portugal, é fazer teatro nas zonas onde o não há, as terras que visitámos demonstram essa necessidade.



Foto Novo Ribeiro
Elementos do Teatro Português de Paris explicam a sua experiência junto das populações da região da Góvilhã, ao lado das Forças Armadas